

DA AUSÊNCIA À PRESENÇA DA FILOSOFIA: O DESAFIO DA INICIAÇÃO À REFLEXÃO FILOSÓFICA

Lidia Maria Rodrigo*

Banida do 2º grau — após a Reforma do Ensino no final dos anos 60 — a Filosofia passou a se fazer presente nos primeiros semestres de diferentes cursos universitários. As universidades que aderiram à Reforma incluíram Introdução à Filosofia entre as disciplinas que compõem o ciclo básico exatamente no intuito de suprir deficiências de um secundário que não mais visava preparar o aluno para a universidade.

Cria-se, assim, uma realidade nova que coloca a questão do sentido da Filosofia e do trabalho docente a ser realizado com alunos que não fizeram e não farão opção por um curso de Filosofia. Tendo presente essas preocupações, os professores de Filosofia da UFU participaram de dois encontros com colegas do Triângulo Mineiro — outros encontros estão programados — visando encontrar alternativas de trabalho mais satisfatórias para enfrentar tal situação.

Este texto foi produzido com o objetivo de contribuir para o debate, sem nenhuma pretensão de

fechar a questão ou esgotar o tema.

A PRESENÇA DA FILOSOFIA NOS CURRÍCULOS DE NÍVEL SUPERIOR: FATORES CONJUNTURAIS

Certamente qualquer trabalho docente enfrenta uma série de problemas postos não apenas pelas dificuldades inerentes ao ato pedagógico enquanto tal, mas também em função de fatores extrínsecos que, entretanto, condicionam e interferem de alguma maneira na prática educativa.

A docência da Filosofia — por si só uma tarefa já bastante difícil — torna-se particularmente árdua quando se trata de trabalhar com alunos que não optaram pela Filosofia e que, no entanto, devem cursá-la enquanto disciplina presente no currículo da especialidade que elegeram.

A possibilidade de enfrentar tal desafio com algum sucesso supõe uma consciência muito nítida dos obstáculos a serem contornados e das condições objetivas e

* Professora de Filosofia do Departamento de Pedagogia/UFU.

subjetivas dentro das quais a docência filosófica será exercida.

Enquanto disciplina inserida num currículo, a Filosofia se situa institucionalmente numa estrutura escolar marcada pelas reformas do Ensino ocorridas entre o final da década de 60 e início dos anos 70. Dessa forma — sob a força do regime militar que dominava o quadro político nacional — colocava-se em prática as conclusões do Accordo MEC-USAID que moldava a educação aos interesses econômicos e ideológicos do capitalismo. O modelo educacional resultante dessas reformas optou por uma perspectiva profissionalizante, contrapondo-se à educação “acadêmica e humanista” a partir da dicotomia entre formação profissional e formação humana. Ora, é no interior desse quadro decisivamente marcado por valores pragmáticos e carente de atividade reflexiva que a Filosofia deve se fazer presente. Obviamente, trata-se de um ambiente amplamente desfavorável, quando não hostil, ao exercício da reflexão filosófica.

Por outro lado, a situação econômica nacional, obrigando os jovens a se lançar cada vez mais cedo no mercado de trabalho, tem implicações educacionais que não podem ser subestimadas. Com a multiplicação dos cursos noturnos, uma parcela significativa dos alunos tem o trabalho e não o estudo como atividade principal: a escola ocupa o tempo que sobra após a jornada de trabalho e em sacrifício do período de descanso e/ou

lazer. Assim, as condições de vida de muitos estudantes não permitem uma dedicação maior à leitura e ao estudo, representando mais um obstáculo ao bom desenvolvimento do trabalho filosófico.

Os meios de comunicação de massa, por sua vez, possuem atualmente uma força que de modo algum pode ser ignorada. Oferecendo a oportunidade do consumo rápido e facilmente digerível de informações e lazer, dispersando e pulverizando o foco de atenção do indivíduo, contribuem para criar interesses e hábito em certos casos bastante diversos daqueles necessários ao paciente e árduo trabalho da reflexão filosófica. É bom lembrar que ao lecionar num curso noturno o professor está competindo em índices de audiência com as telenovelas e outros programas mais amenos do que a sala de aula.

Este quadro conjuntural rapidamente esboçado pode parecer desalentador. Entretanto, não há dúvida que são fatores reais a serem considerados quando se pretende pensar a questão da docência filosófica.

O reflexo dessa situação dentro da sala de aula aparece frequentemente sob a forma de falta de motivação para a reflexão filosófica. Suscitar o interesse pelo trabalho teórico num contexto onde imperam valores e objetivos pragmáticos, estimular o exercício da capacidade de abstrair, quando, ao nível dos meios de comunicação, a imagem procura oferecer to-

das as comodidades da concretização, representa, de fato, um grande desafio.

A questão da Introdução à Filosofia apresenta, desse ponto de vista, duas vertentes: uma filosófica e outra pedagógica. Na primeira, trata-se de definir que concepção e que conteúdo de Filosofia devem ser desenvolvidos. A dimensão pedagógica da questão deve ser pensada a partir de uma situação de fato: existe uma tradição filosófica da qual o estudante com que se vai trabalhar ignora quase tudo. Como introduzir no campo da Filosofia uma pessoa para quem essa palavra não diz praticamente nada? Como passar da ausência à presença da Filosofia, de modo que esta adquira uma significação para o estudante? Parece que a dificuldade pedagógica essencial está em descobrir artifícios, aberturas que possibilitem aos não iniciados ingressar no campo filosófico. Nunca é demais enfatizar que as duas vertentes (filosófica e pedagógica) da questão da Introdução à Filosofia são inseparáveis.

Parece, portanto, que nossa reflexão deveria caminhar no sentido de pensar uma alternativa pedagógica de trabalho, em termos de uma iniciação à atividade filosófica a partir da consideração das possibilidades e limites que se apresentam hoje à Filosofia, dentro do espaço institucional do sistema educacional. Não se deve ter pretensão de formular uma proposta ideal em termos abstratos e sim,

uma alternativa de trabalho viável em face das condições objetivas e subjetivas com que a Filosofia poderá contar enquanto disciplina inserida num currículo escolar. Nessa direção, algumas interrogações se colocam: Que postura deve assumir o professor? Como motivar o aluno para o estudo da Filosofia? Quais os objetivos a serem atingidos? Que conteúdo programático deve ser desenvolvido? Quais os recursos didático-pedagógicos a serem utilizados?

O DESAFIO DA INICIAÇÃO FILOSÓFICA

Um dos equívocos mais comuns do especialista consiste em atribuir aos outros o mesmo grau de interesse que ele próprio possui pela sua área de conhecimento. Impossível partir desse pressuposto quando se trabalha com alunos que não optaram por um curso de Filosofia.

Examinando historicamente o comportamento adotado pelos grandes pensadores frente à Filosofia, encontraremos uma diversidade de atitudes evidenciando que existem muitas maneiras de iniciar a reflexão filosófica: a curiosidade ou o desejo de conhecer, a admiração e o espanto diante do real, a consciência da própria ignorância, a dúvida que nasce do questionamento dos conhecimentos recebidos, o sentimento de abandono no mundo, etc. Entretanto, nenhuma dessas motivações é eficaz em si mesma, isto é, não faz sentido op-

tar arbitrária e aleatoriamente por uma delas para se iniciar na Filosofia.

Roland Corbisier tem razão quando observa que a eficácia de determinado estímulo no sentido de suscitar a reflexão filosófica "... dependerá da situação existencial em que se encontrar o sujeito humano. Num contexto social saturado de desespero, a dúvida, que é um dos indispensáveis ingredientes do filosofar, pode conduzir-nos não à procura da certeza mas ao niilismo e ao suicídio. A 'funcionalidade' desses motivos e estímulos é circunstancial e histórica e a sua permanência na raiz do filosofar está condicionada à distribuição dos valores e à composição das 'importâncias' que caracterizam o 'projeto' do nosso existir"⁽¹⁾. Daí Corbisier concluir que a Introdução à Filosofia é inevitavelmente circunstancial: a admiração, a curiosidade, e dúvida, são sempre vividas por um sujeito concreto em relação com as circunstâncias do seu mundo que contribuem para conferir importância, prioridade ou urgência a determinadas questões.

Desse ponto de vista, o desafio essencial que se apresenta à iniciação filosófica consiste em detectar as questões que se colocam hoje de forma mais dramática para o jovem que vive a nossa realidade, ou seja, trata-se de buscar uma problematização que possa atuar

como estímulo à reflexão filosófica, como via de acesso à Filosofia. A institucionalização ou burocratização da atividade filosófica, através dos currículos escolares, não pode servir de pretexto para que se deixe em segundo plano o problema fundamental da Introdução à Filosofia: como passar do comportamento ingênuo — que acredita na transparência da realidade — a uma postura interrogativa, para a qual a significação do real é sempre uma conquista árdua e nunca um dado.

A aparente diversidade dos impulsos que historicamente têm suscitado a reflexão filosófica — admiração, curiosidade, dúvida, crise, etc — não nos deve enganar. No fundo todas essas motivações têm em comum um mesmo posicionamento diante do real: uma ruptura, uma estranheza, um deslocamento em relação à experiência vivida no mundo cotidiano. É verdade que a Filosofia começa na não-filosofia ou na problematização da experiência vivida. Mas ela só existe enquanto Filosofia quando rompe, não com o mundo cotidiano propriamente dito, mas com o modo cotidiano, rotineiro de encarar o mundo. Portanto, para introduzir o aluno na Filosofia, trata-se de saber como abalar o seu modo rotineiro, familiar de perceber o mundo e pelo qual tudo lhe parece claro, óbvio, conhecido. Nesse horizonte de certezas e crenças a Filosofia não tem lugar.

1. Autobiografia filosófica, RJ, Civilização Brasileira, 1983, pág. 155.

Assim, a ruptura com o modo cotidiano de perceber o real parece ser a porta principal pela qual se pode fazer o aluno ingressar na Filosofia. Talvez nossas preocupações devam inicialmente convergir para este ponto central: partindo do sujeito concreto que pretendemos iniciar na Filosofia e das idéias, crenças e valores que estruturam seu mundo e sua circunstância, como proceder para romper com o modo rotineiro de perceber o real, suscitando interrogações que conduzam à reflexão filosófica, como meio de reestruturar sobre novas bases suas representações de mundo?

Uma coisa é certa: partindo de um ponto zero de conhecimento filosófico, como ocorre em geral com o tipo de aluno em questão, parece pouco aconselhável colocá-lo de imediato frente à diversidade de doutrinas e sistemas filosóficos, restringindo-se aos "ismos" dos manuais de História da Filosofia.

Se existe a intenção de despertar o interesse e estimular para a reflexão filosófica, o caminho mais indicado parece ser o de buscar temas significativos dentro do horizonte do aluno.

Uma alternativa seria trabalhar com temas filosóficos relacionados à área de conhecimento em que a Filosofia está sendo ensinada. Outras alternativas podem ser pensadas: temas que tenham maior significação existencial, social, po-

lítica, etc. Enfim, existem inúmeros temas que podem ser abordados. Acreditamos, entretanto, que o problema que estamos discutindo — como exercer a docência filosófica para alunos que não optaram pela Filosofia — não pode ser resolvido simplesmente através de determinada proposta quanto ao conteúdo programático.

Talvez, mais importante do que o conteúdo em si seja a postura que orientará a prática pedagógica do professor de Filosofia no dia a dia da sala de aula. Para ser coerente com aquilo que foi colocado anteriormente, trata-se de propor uma postura de ruptura com as concepções cristalizadas do senso comum, mostrando que a Filosofia começa com a problematização daquilo que parece óbvio no mundo cotidiano. Mais do que ensinar um conteúdo, é preciso instaurar uma postura filosófica que comece por duvidar que a realidade seja um dado. Em suma, o que se propõe é um trabalho docente calcado numa concepção que enfatiza a Filosofia como reflexão, descartando-se a erudição filosófica como um fim em si mesmo.

Desenvolvida dessa forma, a Filosofia deixa de ser disciplina árida, estratosférica, atividade restrita aos iniciados, adquirindo um sentido existencial para o estudante que começa a tomar contato com ela sem a intenção de especializar-se na área.